



COMBATA

COMISSÃO BATISTA DE TEOLOGIA & APOLOGÉTICA

“A Razão da Esperança que há em nós” (I Pedro 3:15)

ESTENDA O CRITÉRIO: VOCÊ ESTÁ NO CAMINHO CERTO

O irmão Roberto C. F. corretamente observou um erro que cometi num post em que fiz uma breve defesa da Bíblia ACF em relação às demais versões no texto de Mt 24.36,37. Quando o mesmo fez comparação do texto correlato de Mc 13.32, que consta naquela tradução – a saber, na ACF –, bem como no Textus Receptus e no Texto Bizantino, ficou evidente o erro que cometemos, o que é perfeitamente compreensível.

Certamente, neste episódio em particular, envolvendo Marcos Granconato e sua terrível explicação do termo "nem o Filho" nos textos supracitados e o fato de que, em Mateus não trazer um termo que em Marcos aparece, o que varia de versão para versão quanto ao uso ou não do termo, compreendemos para o bem da verdade das Escrituras que, neste episódio em particular, não temos um bom exemplo para defendermos a Superioridade da ACF em relação às outras versões; portanto, tão somente nisso faço a minha retratação pública.

O fato de fazermos esta observação é porque há muitas outras maneiras de demonstrarmos a superioridade da ACF em relação às [per]Versões modernas da Bíblia, como as que falamos noutra postagem. Certamente temos superioridade em:

- a. Defendermos a Trindade em 1Jo 5.7,8.
- b. Defendermos a Divindade de Cristo em Jo 9.35; At 9.5-6; Rm 14.10,12; 1Tm 3.16; Hb 2.11.
- c. Defendermos o Jejum Bíblico em Mt 17.21; 9.29; At 10.30,31; 1Co 7.5.
- d. Defendermos a Existência do Inferno em Jo 3.15; At 2.27,31; 1Co 15.55; 2Pe 2.17; Ap 20.13.
- e. O Nascimento Virginal de Jesus Cristo em Mt 1.25, etc.



COMBATA

COMISSÃO BATISTA DE TEOLOGIA & APOLOGÉTICA

“A Razão da Esperança que há em nós” (I Pedro 3:15)

Além dessas, há algumas outras “cositas más” que ora, não abordaremos.

No entanto, tendo em vista que o irmão Roberto tomou a liberdade de corretamente nos advertir sobre o assunto, gostaríamos de fazer o mesmo no sincero desejo de que ele considerasse nossas breves admoestações quando o mesmo escolher qual versão Bíblica usar.

A despeito de concordar com o irmão Roberto nos pontos que o mesmo citou, já agradecendo-o pela correta exposição de um erro que cometi, chamou-me bastante a atenção, por outro lado, a maneira como o mesmo finalizou sua análise. Essas foram as suas palavras:

Uma ou outra versão atual conter um acréscimo ou uma omissão é realmente estranho, mas várias traduções com semelhanças entre elas, acho difícil estar errado. Enfim...

Bem, se atentarmos cuidadosamente, veremos que, o critério que o mesmo usa para assegurar sua certeza de que, se hipoteticamente uma determinada variante, seja de acréscimo ou omissão, constar apenas numa ou noutra versão, contra a esmagadora quantidade de versões apoiando uma variante oposta, é mais digno de confiança usar o critério da quantidade de versões Bíblicas que concordam entre si numa determinada variante, não importando o quão antiga seja a versão que trouxa a variante oposta.

Ora, se atentarmos bem, é justamente isso o que nós, defensores do Textus Receptus e logicamente da ACF, fazemos com relação às traduções em português da Bíblia. A diferença é que nós adotamos o critério na seleção do Texto Grego que as traduções se basearam. A tradução mais antiga em Português é a de Almeida, que foi publicada em 1619 (da qual a ACF deriva), mas, ainda que a Tradução de Almeida, sendo mais antiga que aquelas que citamos outrora – pois dentre elas, as mais antigas foram publicadas apenas no Século XX –, o critério jamais



COMBATA

COMISSÃO BATISTA DE TEOLOGIA & APOLOGÉTICA

“A Razão da Esperança que há em nós” (I Pedro 3:15)

poderia ser a antiguidade da tradução para determinar qual variante é a Palavra de Deus, mas a quantidade de manuscritos ou versões, que dão suporte para uma determinada variante em detrimento de outra. Ora, o critério de seleção de qual versão utilizar está correto em parte, mas o irmão Roberto necessita aplicar o mesmo critério não às Traduções, mas ao texto Grego, para á partir daí, aplicá-lo às traduções. Observemos bem.

O irmão está correto quando aplica o critério de que, se na maioria das versões constam uma determinada variante hipotética que concorda com a maioria das demais versões, devemos considerar isso como ponto favorável para a superioridade numérica e não cronológica da variante hipotética. O mesmo critério deve ser considerado pelo irmão não para as traduções, mas para o Texto Grego; o caminho está correto, basta apenas trilhá-lo.

Vejamos a razão de considerarmos o Texto grego, e não as Traduções, como mais importante: nós sabemos que as Bíblias que temos hoje não são O texto em si que Deus inspirou, mas a tradução correta do mesmo; Deus inspirou o cânon neotestamentário no grego e isso nos leva ao fato de que precisamos além de usar a regra que o irmão Roberto corretamente trouxe à tona, mas aplicá-la quando escolhermos a versão correta do Novo Testamento Grego para assim, escolhermos a melhor tradução em Português, afinal, se a Tradução se baseia num Texto Grego baseado na maioria de manuscritos e não na antiguidade dos mesmos, temos que considerá-lo superior e, por conseguinte, considerar a tradução do mesmo em português como igualmente superior às que não são baseadas no mesmo. Portanto, essa é a lógica correta, mas observemos agora o que tem acontecido no meio da cristandade.

De um lado, temos o Textus Receptus, o qual possui uma infinita superioridade numérica de aproximadamente 99% dos testemunhos manuscritos neotestamentários



COMBATA

COMISSÃO BATISTA DE TEOLOGIA & APOLOGÉTICA

“A Razão da Esperança que há em nós” (I Pedro 3:15)

de que dispomos hoje. Estamos falando de aproximadamente 5.700 manuscritos que dão suporte ao Texto que a ACF traz em português. Esse é chamado de Texto tipo Majoritário ou Bizantino; foi a partir desse tipo de texto que a ACF foi traduzida para o Português, portanto, nela consta o texto da maioria esmagadora dos testemunhos manuscritos, e isso nos leva a olharmos para esta Bíblia com bons olhos.

Por outro lado, temos outro tipo de texto, chamado de Texto Crítico, o qual embora consista na menor quantidade de testemunhos manuscritos que não somam mais do que 1% do total de manuscritos de que dispomos hoje; o fez com que muitos eruditos olhassem para esses manuscritos foi a sua antiguidade; eles são mais antigos, mas é a minoria e é baseado nestes manuscritos mais antigos que os Críticos usaram os códices Alexandrinus, Vaticanus e Sinaiticus para fazer um texto que destronasse o Receptus, ou seja, 5.700 manuscritos, no lugar de apenas uma meia dúzia deles. Nas palavras de Clark:

Todas as testemunhas mais antigas, quer papiros ou pergaminhos, vêm apenas do Egito. Manuscritos produzidos no Egito, estendendo-se do terceiro século ao quinto, fornecem somente uma meia dúzia de testemunhas extensivas (os Papiros Beatty, e os bem conhecidos unciais, Vaticanus, Sinaiticus, Alexandrinus, Ephraem Syrus, e Freer Washington)¹.

Foi à partir desta minoria de Manuscritos que as modernas traduções omitem, adicionam e fazem o escarcéu da Palavra de Deus. Seu critério, ó caro irmão Roberto, está corretíssimo. Agora, estenda-o ao Texto Grego, veja que as Bíblias modernas são baseadas num texto mais antigo, porém, minoritário e observe que apenas a Almeida Corrigida e Revisada, Fiel ao Texto Original é

¹ CLARK, “The Manuscripts of the Greek New Testament”, citado por Wilbur Norman Pickering em “Qual o Texto do Novo Testamento?”.



COMBATA

COMISSÃO BATISTA DE TEOLOGIA & APOLOGÉTICA

“A Razão da Esperança que há em nós” (I Pedro 3:15)

baseada na maioria esmagadora dos manuscritos. Para o bem da sua consciência, use a ACF.

Em sincero amor cristão.

ÍCARO ALENCAR DE OLIVEIRA

Primeira Igreja Batista da Promessa

Rio Branco - Acre - Brasil

E-mail: poetaprofeta@gmail.com